

AVISO LEGAL

Os colegas e amigos foram anonimizados neste livro, tendo os seus nomes sido substituídos por membros do Universo Cinematográfico Marvel, uma organização que, tenho quase a certeza, não tem advogados. Anonimizar a minha família teria sido mais difícil, por isso não me dei ao trabalho.

FLASHBACK

Formaldeído

Todos sabemos como é abrir um cadáver. Não, claro que não. É uma coisa perversa e horrível que só deve ser feita por médicos-legistas e pessoas do submundo do crime organizado. A menos, claro, que sejamos um dos 9 mil jovens de 18 anos que se inscrevem no curso de medicina no Reino Unido todos os anos. Para eles, isso é uma simples sexta-feira de manhã.

— Veste a tua pior camisa e calças — aconselhou um simpático aluno do segundo ano antes da nossa primeira dissecação. — Roupa interior também. Veste a mesma roupa todas as semanas e, no final do ano, queima-a.

Imaginei que fosse porque acabaria salpicada com líquidos do cérebro ou manchada por bocados de pulmão, mas a verdade era cerca de 2 % menos nojenta do que isso: era o mau cheiro.

O cheiro da sala de dissecação penetra profundamente em cada fibra de algodão ou poliéster e nunca, *nunca* mais, sai. É um cheiro que nos atinge como novo sempre que estamos a menos de 100 metros do lugar: um cheiro que nunca mais senti desde então e que provavelmente não incomodará os perfumistas da Jo Malone tão cedo. É uma mistura estranha de carne estragada e vinagre industrial que arranha a garganta, queima o nariz e arde os olhos.

Duzentos de nós desfilámos para dentro, todos a fingirmos que o que estávamos prestes a fazer era absolutamente normal. O nervosismo era compensado pelo otimismo e arrogância. Recorri ao comportamento

que aprendi em centenas de jogos do West Ham: fingir ser um deles. Só que, neste caso, estavam todos a fingir.¹

— Arranjem um cadáver — gritou o nosso professor, como se estivesse a comandar uma noite de bingo num cruzeiro.² Aglomerámo-nos todos em torno de um dos doze sacos mortuários com fecho.

— Importam-se que eu me junte a vocês? — gaguejei para os meus colegas de cadáveres, como se estivesse a formar um quarteto para jogar à sueca e não a preparar-me para cortar o avô de alguém como se fosse um peru de Natal. Recusando-nos a reconhecer a nossa ansiedade natural, tentámos distinguir-nos pelo quão bem e confortáveis nos sentíamos. Contudo, apesar da nossa indiferença forçada, tudo isto era visivelmente estranho e perturbador. A coisa mais assustadora que a maioria de nós tinha feito até então na vida era brincarmos com um tabuleiro Ouija ou masturbarmo-nos competitivamente para cima de uma bolacha.³ E ali estávamos nós, prestes a cortar um ser humano.

Essa responsabilidade repentina, um salto sem paraquedas para o mundo adulto, foi uma grande mudança para um adolescente que tinha acabado de engrossar a voz e mal tinha os tomates no sítio — como engatar acidentalmente a marcha-atrás quando se está a 110 km/h na M1.

Hora de abrir o fecho do saco.

Primeiro, o rosto: ceroso, amarelado, quase, mas não totalmente, desumano. Imediatamente, um jogador de rãguebi chamado Thor brincou dizendo que parecia a avó do Bruce Willis e o resto de nós riu, desesperados por qualquer alívio emocional. Depois, revelou-se o peito, exceccionalmente peludo.

— Parece um Wookiee! — sussurrou outro caloiro.

Mais uma vez rimos, antes de nos perguntarmos em voz alta se os pelos do peito continuavam a crescer após a morte.⁴ Seguiu-se o abdómen,

¹ «O quê?! És fã de futebol?! Esta é a revelação mais explosiva do livro inteiro!», disse o meu amigo Justin.

² Sessenta e três, este não acorda outra vez.

³ Tal como quando mergulho a bolacha numa chávena de chá, penso que a bolacha Maria é a que demora mais a desfazer-se.

⁴ Não continuam. Nem as unhas. A morte envolve cada célula do nosso corpo a desligar-se permanentemente. É mesmo definitivo assim. Em vez disso, o que as pessoas provavelmente já notaram é que a pele ao redor das unhas e dos cabelos seca e recua, fazendo parecer que precisamos de uma manicure e pedicure pós-morte.

enrugado como se os órgãos estivessem embalados a vácuo no interior. Então, à medida que o fecho continuava a descer e o saco era retirado, ficámos todos boquiabertos. Este homem tinha um pénis gigantesco.

Parte de mim sentiu que era a minha vez de contribuir com alguma piada leve, só para mostrar como estava totalmente indiferente a esta experiência imersiva de filme de terror. Não consegui — pelo menos não ainda. No entanto, também não me opus à brincadeira; mostrar compaixão ou respeito seria expor-me ao ridículo. Na primeira semana, estávamos a aprender a recolher e guardar os nossos sentimentos mais humanos.

Não existe realmente nenhuma razão para se cortar um ser humano no primeiro ano, ou em qualquer outro. Existem alternativas melhores: modelos, visualizações 3D, até mesmo assistirmos a uma única autópsia feita por um especialista, em vez de simplesmente invadirmos o lugar como um Zorro adolescente. Todavia, em vez disso, com as ressacas da semana de caloiros ainda a latejar atrás dos nossos olhos, fomos atirados para o fundo do poço com um bisturi e uma licença para lidar com humor negro. E não nos esqueçamos que éramos adolescentes, não havia maneira de um pénis daquela magnitude passar despercebido.

— E *isto*, também cresce depois da morte? — perguntou, entre risos, um dos meus colegas.¹

Outro aluno batizou o falecido de Espadão.² O ridículo da obsessão masculina com o tamanho do pénis torna-se ainda mais evidente quando confrontado com um cadáver. Claro que, na realidade, o pénis generoso deste senhor não devia ter mais interesse ou relevância do que o cadáver duas mesas ao lado, com pés grandes ou polegares longos. De qualquer forma, os órgãos genitais não estavam na ordem do dia — o nosso professor de anatomia anunciou que nos concentraríamos nos pulmões. As suas instruções eram bastante simples: agarrar num bisturi, agarrar num cadáver; fazer uma linha reta ao longo do esterno e, em seguida, transformá-la num *T* invertido com alguns cortes sob as costelas. Ele lembrou-nos de que não haveria

¹ Atualmente especialista em medicina respiratória.

² Atualmente especialista em radiologia.

sangramento — os nossos pacientes estavam mortos, há muito que os seus corações não batiam.

Embora fosse uma experiência nova para todos nós, eu, como vegetariano de longa data, senti-me particularmente impreparado. Os outros à volta da mesa tinham praticado para este momento durante toda a vida, cortando bifés e peitos de frango. O mais perto que eu tinha chegado tinha sido uma bela mozzarella firme. Agarrei num bisturi, ansioso não só por provar a minha aptidão para a medicina, mas também por mostrar alguma competência instintiva com uma lâmina. Enquanto estava ali, com a ponta do bisturi a milímetros da pele, aprendi tanto sobre a minha própria fisiologia quanto sobre a anatomia deste homem. O meu sistema nervoso simpático entrou em ação: o aceleração do meu pulso, a secreção formigante das glândulas sudoríparas e um tremor nos meus músculos, que ficou claro pelo balanço da lâmina. Depois, surgiu uma onda repentina e completamente inesperada de fome voraz, que é um efeito colateral infeliz da inalação de formaldeído.

Quando finalmente fez contacto, o bisturi deslizou pela pele como se estivesse a cortar papel de embrulho. Acho que faz sentido — nunca se vê cirurgições em séries hospitalares a serrar a pele como se estivessem a trabalhar com madeira. Desci o bisturi pelo esterno, mantendo a linha o mais reta possível, o que foi difícil com a minha mão ainda a tremer como uma folha num túnel de vento. Como prometido, não houve sangramento. Isso fez com que o sujeito parecesse ainda menos um ser humano real, o que, devo dizer, foi positivo: estabilizou a minha mão e facilitou o corte. Cheguei à parte inferior do esterno e fiz um movimento forte para a esquerda, sob as costelas. Estava a ficar mais fácil — era como cortar plasticina ou... meu Deus! De repente, começou a sangrar. Muito. Por todo o lado. O tipo estava vivo!

Assustaram-se todos. O Thor gritou. Eu quase estava à espera que o paciente se sentasse na maca como o monstro do Frankenstein e exigisse um pedido de desculpas pelas nossas observações desrespeitosas sobre o seu pénis, quando percebi que, na verdade, não estava a sangrar. Eu é que estava. Eu tinha acidentalmente cortado o meu próprio polegar. Com timidez, entreguei o bisturi ao aluno à minha esquerda e

instintivamente enfiei o meu polegar sangrento na boca, como a criança que me sentia e, claro, ainda era. E é assim que posso confirmar que, embora o cheiro de formaldeído possa ser um estimulante do apetite, o seu sabor, na verdade, não é.

CAPÍTULO 1

Eu não andava a dormir bem. Sempre dormi muito bem quando era médico. Não dormia muito e dormia em lugares estranhos — curvado sobre o volante do meu carro, enrolado ao lado de um arquivo, encostado à parede da arrecadação como um cavalo —, mas dormia bem. Acho que o meu cérebro sabia que as oportunidades para dormir eram raras, por isso era sempre capaz de carregar no botão de desligar num segundo, até ser acordado pelo próximo bip ou alarme.

Desde que deixei a medicina uns meses antes, acordava rotineiramente às 3 da manhã com o mesmo pesadelo. De pé na sala de operações da maternidade. Os meus olhos a embaciar ao perceber que o bebé que eu tentava salvar estava morto, com as suas mãozinhas imóveis e perfeitas. Eu a tentar, sem sucesso, fazer os pontos que podiam impedir que aquela mulher sangrasse até à morte. O mesmo cérebro que não se lembra das minhas credenciais de *login* do banco *online* adorava reconstruir e reencenar o dia mais angustiante da minha vida com detalhes microscópicos. O momento em que o anestesista desliga a estação de rádio incongruentemente alegre. O sangue a coagular nos meus sapatos. A minha voz a falhar ao pedir à enfermeira instrumentista ponto após ponto após ponto após compressa após compressa após compressa. O momento em que o meu médico especialista retira o útero da paciente e faz deste pesadelo ensanguentado a sua única experiência

de parto. O momento em que pergunto ao médico da Unidade de Cuidados Intensivos se ela vai ficar bem e não obtenho resposta.

E então eu acordava num sobressalto, coberto por uma camada fria de suor, com o coração a bater forte em cada poro molhado. Demorava horas a acalmar-me. Nos meus piores momentos, eu tinha medo de dormir por causa do que eu sabia que iria acontecer.

Acordar em agonia emocional, coberto por uma mistura de lágrimas e suor, não é exatamente atraente para um novo parceiro, e eu e o J ainda estávamos na fase de «tentar impressionar».¹ Obviamente, não lhe podia contar o que estava a passar, não fosse ele perceber que tinha escolhido um modelo defeituoso. Convenientemente, era fácil fingir que estava tudo bem porque a nossa relação era à distância. Eu morava com os meus pais — o sonho de qualquer pessoa de trinta anos, mas a única opção entre a catástrofe da minha separação com a H e a poupança para a caução de um apartamento arrendado. O J morava em Glasgow; conhecemo-nos na *internet* numa época em que era menos embaraçoso dizer que se tinha conhecido o parceiro na prisão ou numa clínica de IST; e oficializámos as coisas quando eu enfrentei o autocarro alguns meses depois. Por alguma razão, ele não queria abandonar o seu promissor trabalho como produtor de televisão júnior e mudar-se 640 km para sul para viver com um antigo médico itinerante que tinha visto três vezes. Porém, a distância significava que era bastante fácil fingir que eu estava bem, são e normal — além disso, eu tinha andado a fingir de uma forma ou de outra durante a maior parte da minha vida.

Consideravelmente menos fácil era ser produtivo durante o dia quando só dormia três horas por noite. E eu precisava de ser produtivo: tinha passado de uma carreira segura, mas mal remunerada, como médico para uma carreira insegura e não remunerada como escritor e comediante. Eu estava desesperadamente empenhado em fazer a comédia funcionar. Era algo a que eu me dedicava há anos, tanto como passatempo quanto como escape da pressão da maternidade, e eu tinha investido praticamente todas as minhas esperanças nisso. Talvez o que

¹ Por exemplo, recentemente comecei a rapar as bolas. Não importa quantos anos tenhamos passado a aperfeiçoar profissionalmente as nossas habilidades cirúrgicas, esta será sempre uma operação muito enervante.

mais me atraísse fosse os riscos serem tão baixos — não há inquérito formal quando uma piada não tem graça. Contudo, quando somos médicos, o trabalho vem até nós: bate à porta da clínica ou é levado, aos gritos, para a maternidade. O trabalho de escritor não é assim — temos de ir atrás dele, o que é complicado quando vivemos à base de Pro Plus e TSPT. No entanto, eu precisava de o fazer porque, caso contrário... bem, eu não sabia o que ia acontecer. Esta foi a minha melhor tentativa de um plano B e não havia um plano C. Havia sempre a opção de voltar ao plano A, como tantos médicos desistentes antes de mim. No entanto, a ideia de voltar à medicina parecia como regressar a uma relação abusiva.

Não passava uma refeição sem que os meus pais me dessem uma dica subtil de que eu devia voltar para a medicina, algo assim: «Porque é que não voltas para a medicina?» ou «Tu nem és assim tão engraçado, Adam». Eu não sabia ao certo se era por estarem preocupados comigo, preocupados com o que as pessoas iam pensar de mim ou preocupados com o que as pessoas iam pensar deles. Ocorreu-me que, se me tivessem deixado em paz desde o início, eu poderia ter encontrado um emprego para o qual fosse realmente capaz. Mas isso nunca foi uma opção — ser médico era algo predeterminado: muito à semelhança de Jesus, um rapaz pressionado a seguir o trabalho do pai (milagres).

A medicina era venerada na minha casa. Era o ofício da família — o meu pai era um médico de família de trato simples, com quarenta anos de carreira, com um entusiasmo pelo trabalho que não se estendia a qualquer outro aspeto da sua vida e que não conseguia compreender por que razão, se tinha a média necessária, eu não queria seguir medicina. Havia um elemento de leve arrogância — «O meu filho, o médico» podia ser dito no clube do livro, no clube de teatro e no clube do almoço.¹ Para quê ter um filho se não nos pudermos gabar do seu sucesso? Além disso, os valores dos imigrantes demoram mais de uma geração a mudar — o nosso ADN polaco não exigia apenas que trabalhássemos, mas também que tivéssemos os empregos mais difíceis e exigentes, subindo o mais rápido e o mais alto possível para mostrar ao

¹ Seja lá o que isso for.

país que tínhamos conquistado o nosso lugar. «Escritor de palhaçadas» não era uma opção nos formulários que os meus bisavós assinaram quando saíram do barco, fugindo da perseguição nazi.

Contudo, conversar sobre a minha carreira era um pouco preferível ao outro tópico de conversa disponível — eu ter destruído o meu casamento com uma mulher (e uma mulher muito simpática) e agora estar numa relação com um homem (e um homem escocês). Tudo o que na minha vida me dava estabilidade e lhes dava motivos para se vangloriarem — «O meu filho, o médico heterossexual que dorme tranquilamente a noite toda» — tinha sido destruído. Talvez as suas pequenas provocações («Porque é que não usas isso numa das tuas *sketches*?») fossem o seu mecanismo de defesa, mesmo que não me estivessem particularmente a ajudar a lidar com a situação.

Algumas semanas depois da minha chegada, o meu pai anunciou que tinha uma surpresa. Anunciou-o com naturalidade, o que me levou a supor que não seria um *éclair* de chocolate ou um *labradoodle*. Levou-me até ao sótão, onde todo o espaço estava cheio de centenas e centenas de caixas de cartão. Apontou para duas pilhas de caixas.

— Estas são tuas.

Acontece que, nas últimas três décadas, sem eu saber, o meu pai tinha guardado cada pedaço de papel e cada objeto e artefacto que tivesse alguma ligação comigo ou com os meus irmãos. A tralha acumulada de quatro vidas humanas sem filtros — todos os cadernos escolares, todos os desenhos horríveis da infância, todos os cartões de aniversário ou de Natal, todas as partituras de saxofone, todos os livros de medicina, todas as criações de má qualidade em plasticina —, tudo cuidadosamente embalado, etiquetado e escondido no sótão.

Foi particularmente comovente e surpreendente que um homem calado, que, tanto quanto sei, nunca expressou qualquer tipo de emoção,¹ estivesse secretamente a catalogar todos os aspetos da minha existência. É preciso dizer que ele não era o curador mais criterioso. Mesmo que eu tivesse crescido e me tivesse tornado em Shakespeare ou na Dolly

¹ Pior do que o dilema do ovo e da galinha — será que ser médico extingue as emoções ou será que as pessoas sem emoções são sobrenaturalmente atraídas para a profissão?

Parton, nenhum arquivo de museu no mundo se teria interessado pelo meu bilhete de entrada no Museu do Lápis da Derwent.¹

— Vais mudar-te? — perguntei.

— Não — respondeu-me. — Estou só a limpar algumas destas por-carias. — O seu tom era ligeiramente irritado, como se essa coleção de recordações indesejada e quase maluca fosse de alguma forma responsabilidade minha, como uma criança que eu tivesse deixado em sua casa e não tivesse ido buscar mais tarde.

Passei uma semana inteira a vasculhar essa vila de caixas de papelão.

— É bom estares ocupado enquanto decides o que fazer da tua vida — disse a minha mãe, esquecendo-se, de alguma forma, das muitas vezes em que eu expliquei exatamente o que ia fazer da minha vida.

Várias caixas eram resquícios do meu tempo na faculdade de medicina. Além de uma floresta de apontamentos há muito esquecidos e toneladas métricas de livros didáticos, havia também algumas relíquias mais interessantes.

A minha bata branca curta! Como estudantes de medicina, éramos obrigados a usar versões curtas da clássica bata branca, para que os médicos seniores nos pudessem identificar de imediato e humilhar-nos mais facilmente.

O meu primeiro estetoscópio! Experimentei-o para ver se servia e ouvi o meu coração — o ouvido esquerdo não funcionava. Talvez nunca tivesse funcionado; eu não ia saber na altura.

O meu *Evesham Micros Voyager 2000*! Um portátil com o peso, as dimensões e a capacidade de processamento de um bloco de cimento.

Um cartaz para *I.A. — Inseminação Artificial*! Uma paródia fraca de um filme do Spielberg, justamente esquecido, encenada como a festa anual da faculdade de medicina.

Alguns vernizes de unhas! Meu Deus, eu devia ser irritante.

Uma cassete VHS do meu peculiar treino de competências de comunicação!

¹ A entrada no Museu do Lápis da Derwent é através de uma réplica de uma mina de grafite. Sempre achei que morrer numa mina de grafite seria uma forma particularmente embaraçosa de partir — arriscar a vida e a integridade física para que um estudante possa rabiscar uma pila e umas bolas na sua secretária.

O meu cartão de estudante! Nele estava a foto que eu inicialmente forneci à universidade: uma foto extra que eu tinha tirado na cabina fotográfica quando renovei o meu passaporte aos dezasseis anos, que eu não esperava usar presa ao peito em hospitais uma década depois porque a universidade não podia ou não queria atualizá-la.

E o Dave! O meu meio-esqueleto.

Por razões que faziam pouco sentido na altura e ainda menos agora, os estudantes de medicina eram encorajados a adquirir uma grande caixa barulhenta cheia de restos mortais humanos reais: um crânio, vértebras e vários outros elementos ortopédicos essenciais. Comprei o meu esqueleto¹ a um estudante alguns anos mais velho e dei-lhe o nome de Dave (em homenagem ao meu amado Duchovny). Tal como com qualquer pessoa que eu levava para o meu quarto naquela época, eu não fazia ideia do que fazer com ele, então deixava-o sentado num canto, amuado e assustador, como um adolescente *emo* magro.

Tirei o crânio dele do aterro do meu passado e segurei-o na mão direita. Pobre Dave, eu não o conhecia de todo. Será que ele tinha consentido esta vida após a morte em particular? Será que a sua família sobrevivente teria alguma ideia de que os restos mortais do seu trisavô tinham sido usados e, nalguns casos — não vamos negar —, abusados por uma fila interminável de futuros médicos? Qual seria o seu trabalho? Será que era feliz? Será que dançava? Será que dizia «bolacha» ou «biscoito»? Uma vida inteira, ali mesmo na palma da minha mão.

Acho que, para minha vergonha, essa foi provavelmente a primeira vez que pensei na proveniência do Dave. Também me senti culpado porque, independentemente de como a sua vida anterior o tivesse tratado, a sua vida após a morte deve ter sido uma grande desilusão: não me ensinou nada sobre anatomia e passou meia década a acumular pó num sótão com um monte de boletins escolares e talões de bilhetes. Não, calma — ensinou-me uma coisa. Ensinou-me a fazer malabarismos!

¹ Se alguém quiser saber quanto custa uma caixa de restos mortais humanos, paguei cerca de 230 euros em 1998 por meio esqueleto, o que equivale a cerca de 400 euros hoje. Dá que pensar, não é? Temos todos (espero) um dentro de nós agora; é a estrutura de todo o nosso ser — e mal vale a renda de um mês.

Agarrei num úmero,¹ num fêmur e numa tíbia, e dei algumas voltas com eles, pelos velhos tempos. Então, quando inevitavelmente caíram no chão, parei.

Que repugnante, brincar com os ossos de um homem morto. E duplamente repugnante era isso não me incomodar, de parecer... normal. Na verdade, foi isso que o Dave me ensinou; ele desempenhou a verdadeira função que todos os esqueletos devem desempenhar para os seus estudantes de medicina. Assim como o tempo tinha tirado a carne dos seus ossos, ele tinha tirado a emoção da minha percepção do corpo humano — uma habilidade essencial, quer estejamos a fazer incisões com precisão micrométrica na artéria cerebral ou a vê-los morrer. A verdade é que, além de me ensinar a ser médico, a faculdade de medicina mudou-me como pessoa, e nem sempre para melhor.

Como médico, não nos podemos envolver emocionalmente com todos os pacientes — não seríamos capazes de fazer o nosso trabalho —, então uma solução fácil é não nos envolver emocionalmente com nenhum deles. Com nada, na verdade. Mesmo que isso signifique alguns danos colaterais — afastar os nossos parceiros que «não iam perceber», nunca falar sobre a toxicidade que encontramos, nunca nos abirmos sobre os nossos traumas. Mesmo quando eles explodem do nosso subconsciente e nos impedem de dormir.

Para ser claro, não culpo inteiramente a medicina por aquilo em que me tornei.

Também culpo os meus pais.²

¹ Digo eu. Pode ter sido qualquer coisa, desde uma fíbula até uma clavícula, eu sei lá.

² Não sabia bem o que fazer com o Dave depois de o redescobrir. Deitá-lo no lixo com os resíduos orgânicos não me parecia ético. Nem legal, considerando a Lei de Tecidos Humanos de 2004. No fim, atirei-o ao betão do novo pátio dos meus pais e liguei para a polícia. A data de liberdade condicional é 2042. (Ou talvez eu o tenha doado a uma faculdade de medicina.)

CAPÍTULO 2

Vamos lá rapar as bolas, comprar um balão de hélio em forma de coração, uma caixa de trufas perfumadas e um ursinho de peluche que canta «I Will Always Love You» quando apertamos o seu peito — é Dia dos Namorados.

Não corro o risco de ser excessivamente sentimental — só estive em Paris uma vez (para uma conferência) e dar as mãos no cinema é o meu limite em termos de romantismo. O Dia dos Namorados é divertido porque tem hora marcada — o equivalente romântico a um dia anual de construção de jangadas do departamento de vendas. Uma espécie de realidade virtual em que é aparentemente obrigatório a linguagem infantil reaparecer de forma indesejada e gastarmos o nosso querido dinheiro em bugigangas sem valor que são cor-de-rosa, em forma de pénis ou feitas de chocolate (talvez até as três coisas).

Há algo de quase ativamente desagradável num restaurante no dia 14 de fevereiro. É uma ocasião especial tornada completamente não especial por cinquenta outros casais em mesas para dois idênticas, a comer uma refeição idêntica sem quaisquer alterações permitidas (excepto o extra de lascas de trufas por quase 10 euros) e um *cocktail* idêntico, doce e intragável, da cor da Porquinha Peppa.

Por outro lado, o J tinha agora arranjado um emprego em Londres e o apartamento que arrendávamos juntos era completamente incompatível com um jantar romântico. O agente imobiliário disse-nos que nos íamos habituar ao ruído, mas acontece que era impossível

habituar-mo-nos ao som e à vibração da autoestrada através das paredes mais finas de Londres. O lado positivo era que, quando o J me apanhava a acordar sobressaltado de pesadelos a meio da noite, eu podia sempre culpar o Eddie Stobart. Porém, as palavras românticas funcionam melhor quando sussurradas do que quando gritadas, por isso optámos por jantar fora.

A regra (patriarcal e heteronormativa) de que é o homem que organiza o jantar do Dia dos Namorados cai um pouco por terra numa relação *gay*. Tomei a iniciativa e fiz a reserva para este nosso primeiro Dia dos Namorados, sugerindo que depois íamos alternando. Isso demonstrava confiança, eu imaginar muitos jantares de Dia dos Namorados pela frente. Também me permitia escolher um lugar minimamente acessível — as minhas finanças faziam com que eu sentisse o meu coração apertar cada vez que um pagamento saía da minha conta. E foi assim que jantámos num restaurante movimentado, mas sem charme, com o ambiente romântico de uma autópsia veterinária.

EMENTA

Entrada: Salmão fumado com espuma de beterraba e rábano

Prato principal: Bife em forma de coração e batatas fritas com alecrim e espargos

Mencionei ao empregado que era vegetariano e ele olhou para mim como se eu tivesse acabado de pedir o empregado cozinhado em lume brando. Ele concordou em falar com o cozinheiro e tentar arranjar alguma coisa.

EMENTA VEGETARIANA

Entrada: Espuma de beterraba e rábano

Prato principal: Batatas fritas com alecrim e espargos

Depois de achar engraçado o grande prato de espuma, o J ficou furioso com o meu prato principal. Eu disse-lhe que estava tudo bem e que eu não estava com muita fome de qualquer forma, pois fui treinado profissionalmente para não fazer alarido.

Sem nunca tolerar uma injustiça, o J foi atrás do empregado como um lobo iria atrás de uma tosta-mista.¹ Dez minutos depois, as batatas fritas com alecrim e espargos voltaram, parecendo cansados e emocionados de tanto irem e virem, mas desta vez guarnecidos com um ovo estrelado de aspeto triste. Eu disse imediatamente: «Perfeito, obrigado!», para evitar que o J explodisse.²

Ele sugeriu que salvássemos a noite pedindo um copo de champanhe.

— Um para cada? — perguntei, nervoso com a possibilidade de parecer forreta ou pouco romântico, mas mais ainda com a possibilidade de não ter dinheiro para comer mais nada o resto do mês.

O J riu, pensando que eu estava a testar material novo, e pediu ao empregado que trouxesse duas taças de espumante da casa. Bebi lentamente, como se não pudesse ir à casa de banho nas sete horas seguintes.

Enquanto comíamos a sobremesa (felizmente a minha não tinha sido substituída por uma tigela de serradura ou um carburador), avistei o Henry McCoy do outro lado da sala de jantar. Ele era um médico sénior com quem eu tinha trabalhado alguns anos antes e a primeira pessoa da minha antiga vida que eu encontrava desde que tinha deixado a medicina. O meu cérebro pregou-me uma partida, vestindo-o com uma bata antes de eu piscar os olhos e vê-lo novamente com a sua camisa xadrez. Os guardanapos transformaram-se em compressas, o cheiro da carne a cozinhar tornou-se diatermia cirúrgica. Os fantasmas da enfermaria estavam a mostrar-me que eu ainda não estava totalmente livre deles.

¹ Houve uma longa e bastante acesa discussão com o meu editor sobre se esta metáfora funcionava ou não. Se, na verdade, um lobo ficaria louco por uma tosta-mista. Todavia, o livro é meu e eu defendo que eles correriam pelos campos atrás delas, destruindo todos os cafés pelo caminho.

² Infelizmente, não foi o pior jantar de Dia dos Namorados que já tive. Esse título vai para uma das escolhas subsequentes do J, chamada «Jantar no Céu» ou «Torta no Céu» ou algo assim. Duas dúzias de clientes sentam-se em torno de uma grande mesa quadrada num estacionamento. A cozinha fica no meio da mesa. Os clientes são então presos aos seus lugares com cintos de segurança de piloto de caça, enquanto um guindaste eleva a mesa a trinta metros de altura, onde ela balança por algumas horas enquanto comemos um jantar de três pratos. O prazer da refeição depende inteiramente de os comensais não terem medo de alturas, o que não é o meu caso. É claro que não mencionei a minha fobia ao J, pois ainda estava a fingir ser pelo menos parcialmente são. Embora não fizesse sentido lógico, só me sentia seguro lá em cima se tivesse as duas mãos firmemente agarradas à borda da mesa. E foi o que fiz durante a noite toda, a comer o meu jantar debruçado sobre o prato como um gato.

O J perguntou se eu estava bem. Apontei para o Henry e contei algumas das suas maiores façanhas: uma vez, apanhou um bebé que o seu médico assistente deixou cair durante o parto;¹ ele levava sempre uma *mini-scooter* para o trabalho nos turnos da noite para acelerar as intermináveis caminhadas entre a maternidade e as urgências; e perdeu um emprego na área da investigação porque bateu com o seu *Citroën Saxo* no *BMW* de um médico especialista que nunca o perdoou.

Não reconheci a rapariga que o acompanhava, mas sem dúvida que não era a mesma esposa que tinha quando trabalhávamos juntos. Isso foi há quase cinco anos, o que parecia normal para a constante troca de cônjuges entre médicos — é difícil para os médicos ver dois Mundiais seguidos com o mesmo parceiro.

Ele viu-me quando estava a sair (a segurar uma rosa embrulhada em celofane — extra de quase 10 euros) e correram até nós. Os nossos parceiros apresentaram-se e eu fiquei maravilhado, e não pela primeira vez, com a facilidade com que o J conversava, fazendo as perguntas certas e elogiando o lenço dela, e com a naturalidade com que ela se sentia à vontade com ele. Enquanto isso, o Henry perguntou-me como eu estava, não no tom de um velho colega, mas no tipo de voz que se usa com um parente enlutado num funeral.

Eu disse-lhe que estava bem e fingi alegremente que a escrita estava a ir muito bem, obrigado. Ele parecia tão convencido quanto a minha mãe. Foi então que descobri que, aparentemente, segundo todos os relatos, eu «tivera um esgotamento nervoso». Isso era novidade. Eu achava que tinha abandonado um emprego que não era para mim antes que me causasse mais danos. Pela forma como o McCoy falava, parecia que eu tinha sido arrastado para fora a gritar e a ranger os dentes, e depois atirado para uma cela acolchoada. Suponho que aquilo não me surpreendia. Para um médico, admitir que não se é feito para a medicina, que não se consegue lidar com ela, é impensável, algo que só uma pessoa irracional e descontrolada diria em voz alta.

¹ Talvez seja por isso que as faculdades de medicina insistem que os candidatos sejam jovens estrelas do desporto — nunca se sabe quando se pode precisar de um guarda-redes.

Talvez *patologizar* a minha saída fosse uma forma de evitarem ressentir-se comigo por eu ter fugido.¹

A conta chegou e fiquei aliviado ao ver que o J já tinha o cartão na mão e afastava silenciosamente a minha tentativa — admitidamente lenta — de agarrar a carteira. Aposto que o McCoy mal olhou para a conta, uma vantagem do salário estável que eu deitei fora. Enquanto o empregado se aproximava com a máquina de cartões, o Henry e a companheira disseram os seus «foi bom ver-vos» e foram-se embora. Eu podia sentir os dedos dele a prepararem-se para enviar uma mensagem com «Adivinha quem é *gay*?» para os hospitais do oeste de Londres.

Quando o J perguntou sobre o que tínhamos conversado, menti e disse que tínhamos estado só a lembrar os bons velhos tempos.

¹ Quando comecei a sondar delicadamente a possibilidade de deixar o trabalho, fui recebido com uma enxurrada de resistência, desde falsa preocupação até tentativas descaradas de me fazer sentir culpado. Era mais difícil deixar a medicina do que o ginásio.

— Vais arrepender-te.

— Estás quase a ser médico especialista.

— Vai ser um desastre para a tua reforma.

Parecia não importar se eles sabiam ou não sobre o terrível turno que me destruiu. Eles só lançavam alguns lugares-comuns sobre voltar ao ativo, ignorando que o ativo em questão tinha acabado de esmagar os meus órgãos internos até serem carne moída.

Quando finalmente apertei o botão do assento ejetável, estava tão preocupado com o que as pessoas iam dizer que saí sem dizer quase nada. Informei o pessoal do departamento de pagamentos e o meu diretor de formação e, em seguida, saí silenciosamente, como um eunuco a sair de uma orgia.